

## Editorial

O TRAUMA  
INEVITÁVEL

O espectador deve ter observado, nas manifestações do último domingo, faixas com a palavra “traição”. Eram, certamente, de eleitores decepcionados com o governo que tinham elegido, há pouco mais de um ano.

Nesse pouco tempo, eles mudaram de posição, a ponto de irem às ruas para demonstrar o seu desagrado com Dilma, Lula e o PT, o que derruba o discurso petista de que se trata de gente inconformada com a derrota nas eleições.

O Brasil nunca tinha assistido a manifestações de maior magnitude. Tudo tem o seu tempo. E o pior é que tenha sido contra um governo supostamente de esquerda e que confessa a sua crença nas regras do jogo democrático.

Pouco adiantou. Com o tempo, os propósitos generosos foram desmentidos pela realidade dos fatos posteriores, marcados pela corrupção erigida como sistema de governo e pela gestão desastrosa da economia e da política.

A corrupção deu o tom às manifestações. Ao condená-la, os manifestantes subentenderam quanto ela é danosa aos cidadãos que dependem dos serviços públicos. Mas, subjacente a ela, esteve a gravidade da crise econômica.

O fracasso é político e econômico. De um partido e de seus líderes que não souberam aproveitar uma oportunidade inédita. E de um governo que, mercê de seus erros, levou o país para uma recessão sem perspectiva de saída.

Os manifestantes demonstraram confiança na Polícia Federal, no Ministério Público Federal e no Poder Judiciário. Em suma, na lei e nas instituições que a representam e que podem fazer justiça.

Rechaçaram os políticos que, embora da oposição, não merecem a sua confiança, querendo dizer com isso ser contra a política como é praticada no país e que está na origem da corrupção desvendada pela Lava Jato.

O que vai ser agora? Depende do governo. A situação não chegaria a esse ponto se o Planalto não tivesse sido tão cego. A tendência é o quadro se agravar, gerando mais manifestações. O trauma não poderá ser evitado.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Mediolí  
**PRESIDENTE** Laura Mediolí  
**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito  
**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida  
Economia: Karlon Aredes  
Magazine: Silvana Mascagna  
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla  
Política: Ricardo Corrêa  
Esportes: Denner Taylor  
Cidades: Marina Schettini  
Primeira: Frederico Duboc  
Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

João, o Brasil permanece  
na encruzilhada histórica!

A insensibilidade é uma das facetas da luta de classes

**D**as elaborações teóricas de João Amazonas (1912-2002), o principal pensador do PCdoB, a que mais me encanta é: “O Brasil numa encruzilhada histórica”, pela propriedade de responder a diferentes contextos políticos desde que foi elaborada, inclusive porque o país continua nela!

Grosso modo, a “encruzilhada histórica do Brasil” é: ou o país trilha uma rota progressista, ou se afunda na rota neoliberal antipovo! Tendo em conta a encruzilhada histórica, o PCdoB elaborou o Programa Socialista para o Brasil – O fortalecimento da nação é o caminho, o socialismo é o rumo, aprovado na 8ª Conferência Nacional (1995) e referendado no 9º Congresso (1997), no qual consta no ponto 34 o que se segue: “A vitória das forças democráticas, progressistas e populares em eleições presidenciais impulsionará a luta pela aplicação do Novo Projeto Nacional de Desenvolvimento. A derrota, ou o êxito eleitoral da tendência política avançada, ou circunstâncias políticas imprevisíveis, podem influir na trajetória e no nível das batalhas, na correlação de forças e nas condições de luta. Todavia, em qualquer situação, a transição ao socialismo deve ser o norte constante do PCdoB”.

Uma das mais nítidas lembranças que tenho de ouvir João Amazonas é o combate firme e incessante ao desarmamento ideológico, a exemplo da conciliação de classe, que difere de “acordos pontuais de governabilidade”, posto que as classes dominantes não entregam o poder sem muita luta, de todas as formas. Ao que eu acrescento: não há na história das sociedades de classes

nenhum caso em que as classes dominantes entregaram o poder de mando passiva e pacificamente.

Sob o capitalismo, o que sabemos é que a burguesia e seus prepostos, quando perdem as eleições, até ficam atordoados num primeiro momento, mas imediatamente passam à fase de acumulação de forças para a retomada do poder, por todas as vias, não apenas a eleitoral, como está acontecendo no Brasil: sexismo e misoginia em relação à presidente Dilma, até indução explícita ao suicídio; intensificação de atos de vandalismo con-

**Momentos de crise que a própria burguesia planta em governos populares com vistas a retomar o poder, em nome do combate à corrupção**

tra organizações sociais e partidos de esquerda; e tentativas de destruição da imagem de Lula!

A conjuntura brasileira é exemplar: a conciliação de classes só serve à burguesia. Em momentos de crise, que a própria burguesia planta em governos populares e democráticos com vistas a retomar o poder, invariavelmente em nome do combate à corrupção, ela é insensível a apelos para diálogos em nome do amor ao país! Tal insensibilidade nada mais é do que a expressão de uma das facetas da luta de classes.

José Reinaldo Carvalho, a quem entrego o restante do texto, em “Amazonas, a estratégia e a tática de um partido

revolucionário”, relembra: “Por isso, Amazonas não teve dúvidas e se tornou um dos fundadores da Frente Brasil Popular, da memorável campanha Lula Lá de 1989. E foi um dos principais entusiastas e impulsionadores das campanhas do ex-metalúrgico, malgrado as diferenças de concepção e as divergências políticas, ideológicas e teóricas dos comunistas com o PT.

“O camarada João dirigiu a formulação de uma estratégia revolucionária, baseada nos princípios do marxismo-leninismo, e de uma tática ampla, combativa e flexível. Ensinou-nos que o partido deve enraizar-se entre as massas, inserido no curso político, enfrentar os grandes e os pequenos embates políticos do cotidiano e acumular forças revolucionariamente.

“As atuais conquistas democráticas e patrióticas do povo brasileiro têm muito a ver com a contribuição de João Amazonas”.

